

Yasmina Reza

# Babilónia

Tradução de Sandra Silva

*A Didier Martiny*

«O mundo não é organizado, é um caos.  
Eu não procuro pô-lo em ordem.»

GARRY WINOGRAND



ELE ESTÁ DIANTE DE UM MURO, na rua. Em pé, de fato e gravata. Tem orelhas de abano, um olhar assustado, o cabelo curto e branco. É magro, de ombros estreitos. Segura de forma bem visível uma revista onde pode ler-se a palavra *Awake*. Na legenda lê-se: Jehovah's Witness — Los Angeles. A fotografia data de mil novecentos e cinquenta e cinco. Parecia um rapazinho. Já morreu há muito tempo. Andava bem vestido para distribuir os folhetos religiosos. Está sozinho, habitado por uma perseverança triste e obstinada. Aos seus pés, adivinha-se uma pasta (vê-se a pega), com dezenas de folhetos que ninguém ou quase ninguém irá comprar. São também esses folhetos impressos em quantidades absurdas que evocam a morte. Esses ímpetos de otimismo — demasiados copos, demasiadas cadeiras... — que nos levam a acumular coisas que rapidamente se tornam inúteis. As coisas e os esforços. O muro diante do qual está é gigantesco. Percebemo-lo pela opacidade pesada, pela dimensão da pedra talhada. Ainda lá deve estar, em Los Angeles. O resto dissolveu-se algures: o pequeno homem de fato demasiado largo e orelhas pontiagudas que se instalou diante dele para distribuir uma revista religiosa, a camisa branca e a gravata

escura, as calças puídas nos joelhos, a pasta, os exemplares. Que importância tem o que somos, o que pensamos, o que iremos ser? Estamos algures na paisagem até ao dia em que deixamos de estar. Ontem estava a chover. Tornei a abrir *The Americans* de Robert Frank. Estava perdido na biblioteca, escondido numa estante. Tornei a abrir o livro que não abria há quarenta anos. Lembrava-me do fulano de pé numa rua a vender uma revista. A fotografia tem mais grão, é mais esbatida do que eu imaginava. Queria tornar a ver *The Americans*, o livro mais triste ao cimo da terra. Mortos, bombas de gasolina, pessoas sozinhas com chapéus de cowboy. Quando o folheamos, vemos desfilar as jukeboxes, as televisões, os objetos da nova prosperidade. Parecem tão solitários como aquele homem, esses recém-chegados sobredimensionados, demasiado pesados, demasiado luminosos, dispostos em espaços inusitados. Uma bela manhã, são removidos. Darão um derradeiro passeio, aos trambolhões, até à sucata. Existimos algures na paisagem até ao dia em que deixamos de existir. Lembrei-me da Scopitone do porto de Dieppe. Arrancávamos num 2CV, às três da manhã, para ir ver o mar. Não devia ter mais de dezasseis anos e estava apaixonada por Joseph Denner. Metíamo-nos os sete dentro do carro com a traseira a arrastar pela estrada. Eu era a única rapariga. Denner conduzia. Acelerávamos para Dieppe a beber Valstar ruiva. Chegávamos às seis horas ao porto, entrávamos na primeira tasca e pedíamos uma cerveja Picon. Eles tinham uma Scopitone. Partíamo-nos a rir com os cantores. Uma vez Denner meteu *Le Boucher* de Fernand Raynaud e desatámos a rir devido ao sketch e à Picon. Depois regressávamos. Éramos jovens. Não sabíamos que aquilo era irreversível. Hoje tenho sessenta e dois anos. Não

posso dizer que soube ser feliz na vida, não podia dar-me catorze sobre vinte na hora da morte, como aquele colega de Pierre que disse, vamos lá, catorze sobre vinte, eu diria antes doze, menos que isso teria a sensação de estar a ser mal-agraçada ou mal-educada, diria doze sobre vinte fazendo batota. Quando estiver debaixo de terra que diferença irá fazer? Toda a gente se estará nas tintas se eu soube ou não ser feliz na vida, eu própria me estarei nas tintas.

NO DIA EM QUE FIZ SESSENTA ANOS, Jean-Lino Manoscrivi convidou-me para ir às corridas em Auteuil. Costumávamos cruzar-nos nas escadas, subíamos ambos a pé, eu para manter-me minimamente em forma, ele porque tinha claustrofobia. Ele era magro, não muito alto, o rosto marcado pela acne, as entradas disfarçadas pela famosa madeixa de lado que usam os carecas. Usava óculos com armação de massa que o envelheciam. Ele morava no quinto, eu no quarto. Criavam uma certa cumplicidade aqueles encontros nas escadas que mais ninguém utilizava. Em alguns prédios modernos, as escadas são independentes e feias e só são utilizadas nas mudanças. Aliás, os moradores chamam-lhes escadas de serviço. Durante um tempo, não nos conhecíamos bem, só sabia que ele trabalhava na área dos eletrodomésticos. Ele sabia que eu trabalhava no Pasteur. O meu cargo, engenheira de patentes, não diz muito às pessoas, e desisti de tentar explicá-lo de forma atrativa. Uma vez, eu e Pierre fomos beber um copo a casa deles, entre casais. A mulher dele tinha-se tornado uma espécie de terapeuta new-age depois de ter sido gerente de uma sapataria. Era um casal recente, quero dizer comparado connosco. Ao cruzar-me com Jean-Lino nas escadas na véspera do meu aniversário, disse-lhe, amanhã faço sessenta anos. Não sabia o que dizer e

aquilo saiu-me. Ainda não tem sessenta, pois não, o Jean-Lino? Ele respondeu, em breve. Percebi que quis dizer alguma coisa simpática, mas não teve coragem. Quando cheguei ao meu andar, acrescentei, para mim chega, passo a vez. Perguntou-me se já tinha ido às corridas. Disse-lhe que não. A gaguejar, desafiou-me, caso estivesse livre, a ir ter com ele a Auteuil no dia seguinte à hora de almoço. Quando cheguei à pista de corridas, ele estava instalado no restaurante, com o nariz colado à janela que dava para o paddock. Em cima da mesa, uma garrafa de champanhe e um balde, os jornais do turfê abertos, todos anotados, uns amendoins espalhados no meio de bilhetes usados. Estava à minha espera com ar descontraído como quem recebe no seu clube, em contraste total com a imagem que tinha dele. Comemos uma coisa oleosa do seu agrado. Ficava exaltado com cada corrida, levantava-se, soltava rugidos, com o garfo em riste, escorrendo farrapos vacilantes de alho-francês. De cinco em cinco minutos, saía para fumar um cigarro e voltava com novos planos. Nunca o vira com tamanha energia e muito menos alegria. Apostámos somas irrisórias em cavalos de potencial desconhecido. Ele *sentia-os*, tinha profundas convicções. Ganhou pouca coisa, talvez o que lhe custou o champanhe (bebemos a garrafa toda, sobretudo ele). Eu lucrei três euros. Disse a mim mesma, três euros no dia dos teus sessenta anos, nada mau. Compreendi que Jean-Lino Manoscrivi era um solitário. Um tipo à Robert Frank dos dias de hoje. Com a sua Bic e o seu jornal, mas acima de tudo o seu chapéu. Ele criara um ritual, isolara no tempo um espaço que só a ele pertencia. Nas corridas, duplicava de tamanho, até a voz dele se alterava.



\* \* \*

LEMBREI-ME DOS SESENTA ANOS DO MEU PAI. Comemos uma chucrute na République. Era a idade que os nossos pais tinham. Uma idade imensa e abstrata. Agora és tu que a tens. Como é possível? Uma rapariga faz trinta por uma linha, pavoneia-se pela vida de saltos altos e pintalgada e de repente vê-se com sessenta anos. Saía com Joseph Denner para tirar fotografias. Ele gostava de fotografia, e eu gostava de tudo o que ele gostava. Baldava-me às aulas de biologia. Não receávamos o futuro naquela época. O meu tio tinha-me oferecido uma Konika em segunda mão, dava-me um ar profissional, ainda por cima consegui desencantar uma alça Nikon. A dele era uma Olympus, mas como não era reflex focávamos com um telémetro incorporado. O desafio consistia em escolhermos o mesmo tema, o mesmo momento, o mesmo local, e cada um tirar a sua fotografia. Fotografávamos a rua como os grandes que admirávamos, transeuntes e animais do Jardim das Plantas ao lado da faculdade, mas sobretudo o interior das tascas da ponte Cardinet que tanto fascinavam Denner. Os tipos a cair de bêbados, os clientes habituais mumificados nas mesas do fundo. Fazíamos as provas de contacto em casa de um amigo. Comparávamos e elegíamos a melhor para ampliar. O que era a melhor? A mais bem enquadrada? A que revelava uma interação subtil e insondável? Alguém saberá responder? Penso muitas vezes no Joseph Denner. Por vezes pergunto-me o que terá sido feito dele. Mas o que pode ter sido feito de um tipo que morreu de cirrose do fígado aos trinta e seis anos? Depois dos últimos acontecimentos, ele insinuou-se de novo na minha memória. Como se teria rido desta história. *The Americans* reacendeu muitas memórias de juventude. Sonhávamos e não fazíamos patavina. Contemplávamos os transeuntes,

inventávamos-lhes uma vida e comparávamo-los a um objeto, um maço, um penso... Ríamos. Por detrás do riso, transparecia um tédio um quanto amargo. Como gostaria de rever as fotografias da ponte Cardinet. Devo tê-las deitado para o lixo juntamente com outros papéis velhos. Depois do meu aniversário em Auteuil, a minha afeição por Jean-Lino Manoscrivi redobrou. Saíamos os dois juntos do prédio para dar uma volta lá fora ou íamos tomar café se a ocasião se proporcionasse. Lá fora ele podia fumar, em casa não. Parecia-me o mais doce dos homens, e ainda hoje é assim que o vejo. Nunca existiu familiaridade entre nós e sempre nos tratámos por você. Mas conversávamos, por vezes contávamos um ao outro coisas que não contávamos a mais ninguém. Sobretudo ele. Mas também acontecia comigo. Tínhamos descoberto que partilhávamos a mesma aversão à nossa infância, o mesmo desejo de passar um risco preto por cima. Um dia, ao evocar a sua passagem pela terra, ele disse, seja como for, o mais difícil está feito. Eu concordei. Jean-Lino era neto de emigrantes judeus italianos do lado paterno. O pai dele começara como pau para toda a obra num ateliê de passamanaria. Depois especializara-se em fitas e abrira uma retrosaria nos anos sessenta. Um cubículo na avenida Parmentier. A mãe ficava na caixa. Moravam ao fundo de um pátio a dois passos da loja. Os pais trabalhavam arduamente e eram pouco afetuosos. Jean-Lino nunca aprofundou muito o tema. Tinha um irmão, bastante mais velho que ele, que fora bem-sucedido na confeção. Ele andava aos papéis. A mãe pô-lo no olho da rua. Decidiu enveredar pela cozinha depois de obter um CAP de pastelaria. Na fase mais otimista da vida, lançou-se na restauração. Era muito duro, não tinha férias, facturava pouco. Por fim, o centro de emprego pagou-lhe uma

formação na grande distribuição, e uma empresa intermediária arranhou-lhe um lugar no Guli, onde era responsável pelo serviço pós-venda dos eletrodomésticos. Nunca teve filhos. Era a única censura que ousava fazer às forças que governaram a sua existência. A primeira mulher deixou-o depois da falência do restaurante. Quando conheceu Lydie, ela já era avó graças a uma filha de um casamento anterior. Há dois anos que o miúdo vinha regularmente para casa deles. Com os pais separados nos piores termos, a ponto de os serviços sociais terem chegado a intervir, recambiavam a criança para casa da vovó Lydie por tudo e por nada. Acalentado por uma ternura que nunca soube expressar (exceto com o seu gato), Jean-Lino acolheu Rémi de braços abertos e procurava fazer-se amado. Será que devemos procurar fazer-nos amados? Não será sempre uma tentativa frustrada?

OS PRIMEIROS TEMPOS FORAM CAÓTICOS. A criança, com cinco anos quando chegou, antes vivia no Sul, teimava em ignorar Jean-Lino, e assim que Lydie desaparecia desatava a chorar. Era um rapazinho banal, ligeiramente rechonchudo, com um sorriso lindo de covinhas. As tentativas de conquistá-lo eram dificultadas por Eduardo, o gato de Jean-Lino, um animal antipático apanhado numa rua de Vicenza e ao qual só nos podíamos dirigir em italiano. Lydie aprendeu a lidar com Eduardo. Pendurava o pêndulo à frente do gato e este seguia o oscilar do quartzo rosa, hipnotizado (a pedra fora-lhe «apresentada» algures no Brasil). Em contrapartida, Eduardo embirrava com Rémi. Mal o miúdo aparecia, ficava todo eriçado e bufava-lhe com ar ameaçador. Jean-Lino tentou trazer o gato à razão pelos seus próprios meios. Lydie resolveu o assunto

trancando Eduardo na casa de banho. Rémi atiçava-o imitando os seus miados atrás da porta. Jean-Lino tentava impedi-lo, mas não tinha nenhuma autoridade. Quando o terreno estava livre, ia discretamente consolar o animal pela fresta sussurrando palavras em italiano. Rémi recusava-se a tratar Jean-Lino por «vovô Jean-Lino». Aliás, não podemos dizer que a criança se recusava. Simplesmente nunca chamou Jean-Lino de vovô Jean-Lino apesar dos incessantes «o vovô Jean-Lino vai ler-te uma história» ou «se comeres o peixe todo o vovô Jean-Lino compra-te não sei o quê». O vovô Jean-Lino foi desprezado por Rémi, que se estava completamente nas tintas para ele. No dia em que teve de nomeá-lo chamou-lhe Jean-Lino, o qual ficou muito ofendido com aquele nome isolado, proferido num tom nada familiar. Depois disso, mudando de estratégia, meteu na cabeça seduzir a criança pelo riso. Ensinou-o a dizer disparates do tipo cabeça de vento, orelhas de gato, pescoço de bruxa, rabo de macaco<sup>1</sup>. Rémi adorava. Depressa saltou as primeiras etapas e repetia continuamente rabo de macaco, com vozes ridículas ou irritantes, ou então atirava-o à cara de Jean-Lino, alto e bom som, de preferência no meio da rua. Eu própria testemunhei este sainete no hall do prédio. Fingindo achar graça, Jean-Lino disse-lhe, sabes, se repetirmos a lengalenga a toda a hora, ela deixa de ter piada. Não sabia como poderia travar aquele processo. Quanto mais se esforçava por chamar a criança à razão, mais ela repetia a expressão. Em vez de o miúdo dizer é giro ou não é giro, dizia é maminha ou não é maminha (mais um ensinamento de Jean-Lino?), ou seja,

---

<sup>1</sup> No original, «*topodoco, tapadaca pour arriver à tupuducu*» («*tu pues du cul*» [literalmente, «cheiras mal do rabo», que traduzimos mais livremente por «rabo de macaco»]). (N. da T.)

podia dizer-lhe, não é maminha, rabo de macaco?! Lydie não ajudava nada, insistindo na máxima colhemos o que semeamos. Quando percebia o estado de desalento de Jean-Lino, limitava-se a dizer, deixa em paz o puto. A última palavra pronunciada num tom desapontado. Não podemos repreender uma vítima das incongruências de um adulto. À distância, julgo que ela pressentiu o perigo daquele apego unilateral. Gostaria de acrescentar duas palavras sobre o hall do prédio. É um espaço sobre o comprido, iluminado durante o dia pela porta de entrada semienvidraçada. O elevador situa-se no centro à frente desta última. O acesso às escadas faz-se por uma porta lateral numa reentrância à esquerda. O corredor da direita conduz à zona dos caixotes do lixo. Quando chegavam os três juntos, Lydie apanhava o elevador com o neto e Jean-Lino subia a pé. Quando Jean-Lino ia sozinho com a criança, esta teimava em apanhar o elevador. Para a conseguir levar pelas escadas, ele tinha de arrastá-la aos berros. Jean-Lino era incapaz de andar de elevador. Com o passar dos anos, foi crescendo o medo de andar de avião, de metro e também nos novos comboios cujas janelas já não podem abrir-se. Um dia, o miúdo agarrou-se com todas as suas forças à porta das escadas para não entrar, Jean-Lino acabou sentado nos primeiros degraus em lágrimas. Rémi aproximou-se dele e perguntou-lhe, porque é que não queres ir de elevador?

— Porque tenho medo — respondeu Jean-Lino.

— Eu não tenho medo, consigo ir de elevador.

— És muito novo.

Pouco depois, Rémi subiu as escadas de rojo pelo chão. Jean-Lino seguiu-o.

\* \* \*

SE TIVESSE DE ELEGER UMA IMAGEM, entre todas as que retive, seria a de Jean-Lino sentado numa quase completa escuridão com os braços colados ao cadeirão marroquino, rodeado de uma montanha de cadeiras que já não estavam ali a fazer nada. Jean-Lino Manoscritti petrificado no cadeirão desconfortável, na sala onde ainda continuavam alinhados, em cima de um baú, os copos comprados por mim à pressa para a ocasião, as taças de aipo, as batatas fritas light, as sobras da festa organizada num momento de otimismo. Quem poderá determinar ao certo como tudo começou? Quem saberá que género de combinação obscura e talvez longínqua conduziu o caso? Jean-Lino conheceu Lydie Gumbiner no bar onde ela cantava. Dito assim, pensamos logo numa rapariga bamboleante sussurrando ao microfone numa voz quente. Na realidade, era uma magricela com pouco peito, vestida de cigana e cheia de berloques, que claramente tirava partido da farta cabeleira, de caracóis arruivados, adornada com ganchos coloridos (também tinha uma pulseira no tornozelo com berloques...). Tinha aulas de jazz com um professor de canto e de tempos a tempos cantava em bares (uma vez fomos vê-la). Ela cantou «Syracuse» sem tirar os olhos de Jean-Lino, que ficou naquela noite, por um desses acasos da vida, sentado junto ao palco, e cujos lábios começaram a sussurrar «Antes que a minha juventude se gaste e as minhas primaveras terminem...». Jean-Lino era fã de Henri Salvador. Sentiram-se logo atraídos um pelo outro. Ele gostou da voz dela. Gostou das suas saias compridas e esvoaçantes, do seu estilo folclórico. Fascinava-o que uma mulher daquela idade se estivesse nas tintas para as convenções sociais. Ela era, de facto, uma mulher singular em muitos aspetos, persuadida de que tinha poderes sobrenaturais. O que terá unido estes dois seres?

Fiz uma amiga no CEIPI em Estrasburgo, uma rapariga muito reservada. Um dia casou com um tipo antipático e taciturno. Ela disse-me, ele está sozinho, eu estou sozinha. Trinta anos depois, encontrei-a no comboio, construía balões de ar quente para parques de diversões, continuavam juntos e tinham tido três filhos. O casal Gumbiner-Manoscritti não teve um final tão feliz, mas, independentemente das infinitas variáveis, o motivo não será sempre o mesmo? Tirei algumas fotografias durante a nossa festa (chamei-lhe «festa da primavera»). Numa delas, Jean-Lino está de pé, Lydie sentada no sofá à sua frente numa das suas fatiotas extravagantes; estão os dois a rir, com a cara virada para o lado esquerdo. Parecem felizes. Jean-Lino está com ar satisfeito e muito corado. Está apoiado nas costas do sofá, o corpo debruçado sobre a carapinha ruiva. Recordo-me perfeitamente porque estavam a rir-se. A fotografia foi incluída no dossiê. Regista o que regista qualquer fotografia, um momento presente que nunca se irá repetir e que talvez tão-pouco tenha acontecido como tal. Mas tendo em conta que nunca existirão imagens posteriores de Lydie Gumbiner, esta parece ocultar um conteúdo secreto e estar nimbada por uma aura venenosa. Recentemente, descobri numa revista uma fotografia dos anos setenta de Joseph Mengele na Argentina. Ele está sentado algures ao ar livre, em mangas de camisa, diante das sobras de um piquenique, rodeado por um grupo de rapazes e raparigas nitidamente mais jovens. Uma delas está de braço dado com ele. Ela sorri. O médico nazi sorri. Todos estão sorridentes e descontraídos, aproveitando o sol e a leveza da vida. A fotografia não tem qualquer interesse sem a data e o nome da personagem central. A legenda perturba a leitura. Será verdade para todas as fotografias?